

EDITORIAL

A Revista Dialectus, em seu 9º (nono) número, traz ao debate algumas facetas do pensamento do filósofo e psicanalista Slavoj Žižek. Este pensador esloveno é um autor instigante que criticamente adota como bases de sua construção teórica – em suas temáticas econômico-políticas, histórico-filosóficas, sócio-culturais, psicanalíticas e político-filosóficas – a densa argumentação de autores clássicos, como Karl Marx, Immanuel Kant, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Jacques Lacan, entre diversos outros autores. Na contemporaneidade vivemos um processo de decadência civilizatória e de catástrofe econômico-social, política e ambiental, dentro de um quadro de aprofundamento da crise estrutural do sistema capitalista global. Neste quadro, Žižek procura pensar a possibilidade de atos político-pedagógicos, sintonizados com uma perspectiva de luta de classes, capazes de instaurar acontecimentos propiciadores de transcendência, emancipação e superação de um mundo capitalista globalizado, preso em contradições estruturais que provocam traumas e flagelos para bilhões de pessoas na atualidade.

O pensamento de Žižek apresenta múltiplos enraizamentos, sempre buscando aprofundar o debate atual em torno das questões relevantes em termos filosóficos, psicanalíticos, ideológicos, políticos, sócio-culturais e histórico-sistêmicos. Nesta perspectiva, a sua teoria não se furta ao debate com a mais vasta produção teórica relevante da modernidade e da contemporaneidade.

No atual cenário mundial – marcado pelo fetichismo da mercadoria e pela velocidade de imagens que capturam a subjetividade, no quadro das coordenadas do capitalismo global – a acumulação centralizadora do capital é impulsionada, de modo socialmente traumático e perverso, pela sua base financeiro-especulativa; pelos seus dispositivos cibernéticos e informáticos de controle; e mediante suas intervenções cirúrgico-geoestratégicas de cercos, bloqueios e guerras localizadas de controle e dominação.

Sob este tecido econômico-social e político-governamental – que mercantiliza cada vez mais as relações sociais; que automatiza os mais diversos setores da produção industrial e do setor de serviços na sociedade; que aumenta o esvaziamento completo do espaço-público democrático; e que flexibiliza, de modo predatório, a maior parte das relações de trabalho em todo o mundo capitalista – impõe-se um aumento vertiginoso da super-exploração do trabalho; uma terrível explosão das taxas de desemprego estrutural, de modo que é exacerbada a marginalização, a pobreza e as violências tanto subjetiva, quanto sistêmico-estrutural, político-governamental e cultural-simbólico, no quadro do “sistema-mundo” capitalista.

Dando continuidade a este editorial, são apresentados em seguida os ensaios que compõe o presente dossiê **“Abordagens críticas com base em facetas do pensamento de Slavoj Žižek”**. Mediante a familiarização com estes textos, os leitores da Revista Dialectus

terão acesso à elaboração teórica de alguns pesquisadores que se juntam aqui para abordar importantes aspectos do pensamento do filósofo aqui focado.

O Dossiê começa com a apresentação de um escrito com o título **“Fantasia e Ideologia: o “lixo” que ingerimos diariamente”**. Este ensaio é escrito pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRN, Ana Carolina Nunes Silva, em co-autoria com a Pós-doutora, pela School of Arts and Science da New York University (NYU), Imaculada Maria Guimarães Kangussu; professora no Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O artigo apresenta o conceito de “fantasia ideológica” de Slavoj Žižek, pelo qual este autor mostra a inevitabilidade da ideologia em nossas vidas, isto é, não há como sair da esfera ideológica. Na perspectiva do filósofo, a ideologia medeia a nossa relação com o mundo, na medida em que ela opera segundo a lógica da “fantasia”. Sob este prisma, para Žižek, coerente com sua perspectiva lacaniana, a fantasia atua como uma forma de obnubilamento das falhas de consistência da realidade simbólica. Além disso, cabe observar que a articulação entre ideologia e fantasia, por parte de Žižek, surge como uma forma de renovação da crítica no quadro da democracia liberal, apanhada por políticas neoliberais, realidade esta na qual é pregado o “fim das ideologias” e o advento de uma racionalidade cínica.

Em seguida vem exposto no Dossiê, o artigo cujo título é **“O samba de uma nota só do pensamento de Slavoj Žižek”**, que é escrito pelo Professor Dr. Fernando Facó de Assis Fonseca. O texto aborda o tema da liberdade no pensamento de Slavoj Žižek. Sustenta que, por trás do amplo mosaico que se apresenta no pensamento deste autor, a preocupação presente, em síntese, é uma só, a saber, como (re)pensar a questão da liberdade humana, conduzindo ao extremo o aspecto da finitude pós-revolução copernicana. Em outros termos, a proposta é basicamente radicalizar o tema da liberdade em uma base materialista, levando ao limite o esquema transcendental de Kant. Para isso, propõe-se debater o tema em quatro linhas discursivas: ciência, ontologia, subjetividade e política emancipatória.

Um terceiro artigo do presente Dossiê é escrito pelo Dr. Hildemar Luiz Rech, professor e orientador em Filosofia da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED-UFC, Fortaleza, CE. O título deste ensaio é **“Insights marxiano-lacaniano e retheliano-kantiano na leitura sobre as formas do fetichismo da mercadoria, da ideologia e da educação, com base em Slavoj Žižek”**. O artigo destaca que na perspectiva marxiana do filósofo esloveno, há, no cerne da circulação do capital, uma fantasia “objetivamente social” de reprodução autogeradora do próprio capital, que encobre a exploração dos trabalhadores e a extração da mais-valia. Ademais, segundo Žižek, para Marx, em sua análise do Livro I do Capital, a ilusão fetichista inerente a forma da mercadoria não se localiza no pensamento, mas na inter-relação prática (inconsciente) entre os homens. Ou seja, a forma mercadoria aparenta

ter poderes fantasmagóricos, como se ela tivesse propriedades sociais que fossem uma determinação objetiva dos próprios produtos do trabalho enquanto mercadorias. Porém, o que os indivíduos não conhecem é a “inversão fetichista” a que obedecem em sua inter-relação prática e social. Por sua vez, Sohn-Rethel é um autor que mostrou que, além do segredo oculto do valor trabalho, a análise da forma da mercadoria também deve levar em conta a explicação histórica do modo de pensamento conceitual abstrato, combinando a estrutura do universo da mercadoria com o do espaço transcendental kantiano. Desse modo, a efetividade social do processo de troca só captura os indivíduos que dele participam enquanto estes não são cientes da lógica inerente a este processo. E esta também é a dimensão fundamental da ideologia, pois esta não funciona simplesmente como uma “falsa consciência”, pois é a própria realidade social que é vivenciada de modo despercebidamente distorcido mediante a ideologia. Já no que se refere à forma da educação, ela, nos países capitalistas, corresponde a um flagrante ataque ao uso público da razão, pois o próprio ensino está sendo crescentemente privatizado, além de estar preferencialmente a serviço da busca da produtividade, competitividade, eficiência e rentabilidade do capital.

Um quarto artigo é apresentado pelo Dr. Hildemar Luiz Rech, em co-autoria com a Dra. Maria Anita Vieira Lustosa. Este ensaio tem o título de “**Reflexões sobre Lei e Inconsciente, Poder e Força-Violência e Conexões com o Ato político-Pedagógico de Emancipação, com base em Slavoj Zizek**”. Neste artigo os autores indicam que para Zizek, a ideia de uma forma vazia da lei, para além de suas encarnações positivas, remete à sua afirmação como inconsciente e como indício de um conteúdo recalcado. Por outro lado, sobre a força como violência cabe observar que ela se encontra tanto na fundação quanto na conservação do poder. Por outro lado, quanto à educação, cabe observar que, na perspectiva de Zizek, o ato pedagógico precisa ter uma afinidade eletiva com o *ato político* que rompe com os *significantes mestres* imbricados com o *fetichismo da mercadoria* e com a *forma social do capital*. Ou seja, o sujeito para ser livre e emancipado deve transcender e romper com as coordenadas sistêmicas do capital, mediante um engajamento que se coloca a contrapelo da rede simbólica alienante, na contramão da reificação e do estranhamento nas relações sociais.

E o quinto artigo é apresentado pela Dra. Maria Anita Vieira Lustosa com co-autoria do Dr. Hildemar Luiz Rech. Este artigo apresenta o seguinte título: “**Desemprego Estrutural no contexto do Capitalismo Global e o Ato Político-Educacional, segundo Slavoj Zizek**”. Um dos objetivos deste ensaio é analisar a situação atual do desemprego estrutural, entendendo-a como uma catástrofe que não é natural, mas como provocada pelas coordenadas sistêmicas do Capital. O quadro de alienação e de reificação presente nas relações de trabalho e nas relações sociais em geral, no contexto capitalista do fetichismo da mercadoria, faz com que o próprio trabalho se realize como experiência negativa para aqueles que trabalham. Com efeito, essa

dinâmica imanente ao mercado mundial capitalista transforma trabalhadores produtivos em trabalhadores descartáveis, subprodutos do sistema de mercadorias. Sob este aspecto, cabe destacar que na atual configuração do capitalismo, o não trabalho acaba aparecendo como uma qualidade que sustenta o próprio sistema como tal, pois o que se revela é que este, além de necessitar de trabalhadores, produz um excedente, ou seja, um vasto ‘exército de reserva’ garantido pela circulação do não trabalho, o que permite a Žižek caracterizar esse “novo” desemprego estrutural como forma de exploração naturalizada pelo sistema vigente. Finalmente, no referente à questão do ato político educacional cabe observar que de acordo com a forma como Zizek o compreende, cabe observar que tal ato representa uma ação individual e sócio-política coletiva de ruptura com as coordenadas sistêmicas que sustentam o *status quo* capitalista, abrindo espaços para a instauração de novos “significantes mestres” em termos da subjetividade, em direção a uma sociedade livre e igualitária emancipada.

Em nossa seção de Fluxo Contínuo contamos com dois artigos. O primeiro feito a quatro mãos pelos professores Doutores Eduardo F. Chagas (UFC/CNPq) e Fábio José Queiroz (URCA) tem como título “**Da pedagogia do Capital e de sua Antítese: Violência, (De)Formação do Trabalho e a Luta pela Formação Humana**”. O artigo trata sobre as relações entre o capital e os processos de formação humana, buscando mostrar as estratégias da classe capitalista para manter o controle sobre a classe trabalhadora, restringindo, assim, as formas de seu acesso ao saber cultural da humanidade e acentuando a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual. Tendo como referência, sobretudo, o legado teórico de Marx em *O Capital*. O segundo escrito é do Professor Dr. Antônio Roberto Xavier (UNILAB) intitulado “**História e Filosofia da Educação: da Paideia Grega ao Pragmatismo Romano**”. Este artigo tem como escopo principal compreender e atualizar um debate histórico-filosófico sobre educação e seus aspectos epistemológicos, traçando, sucintamente, uma ponte cognitiva entre a Paideia grega e o pragmatismo educacional romano. É o que pretende nosso autor.

O presente dossiê conta ainda com a resenha do livro do professor Dr. Eduardo F. Chagas (UFC/CNPq) intitulado “**Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx**”. O autor dessa resenha é o professor Dr. Frederico Costa titular da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Ainda contamos com a tradução do prefácio da obra “**Menos que Nada**” intitulada “**O Método de Slavoj Žižek**”, que foi publicado originalmente por Alain Badiou como Prefácio à edição francesa do livro de Slavoj Žižek, **Moins que rien: Hegel et l’ombre du materialisme dialectique** [cuja tradução brasileira pela Boitempo Editorial, em 2013, apresenta o título **Menos que Nada: Hegel e a Sombra do Materialismo Dialético**], e foi traduzido, com a autorização do próprio autor, por Frederico Lyra de Carvalho e por José Mauro Garboza Junior. O autor deste Prefácio dispensa comentários e aqui sugerimos

que o leitor se dirija diretamente ao texto traduzido para ter uma melhor noção do conteúdo deste escrito.

Boa leitura a todos.

Por: Hildemar Luiz Rech;

Eduardo F. Chagas;

Maria Anita Vieira Lustosa

e Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho

dezembro de 2016.

EDITORIAL Hildemar

Luiz Rech; Eduardo Ferreira Chagas; Maria Anita Vieira Lustosa e Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho

Ano 2 n.9 Dezembro – Dezembro 2016, p.1-5.